

## **Transfobia: Os relatos de violência e militância de Melissa Campus<sup>1</sup>**

Thais Osti LUDESCHER<sup>2</sup>  
Leonardo Gustavo Gravena SILVA<sup>3</sup>  
Márcio José JANGARELLI<sup>4</sup>  
Mônica Panis KASEKER<sup>5</sup>

Universidade Estadual de Londrina, PR

### **RESUMO**

A população de transexuais, travestis, lésbicas, bissexuais e gays – LGBTs, ao mesmo tempo que conquista direitos historicamente resguardados por uma elite heteronormativa e aprofunda um debate público sobre a existência de outras formas de ser e se relacionar, é também reprimida e violentada por esses mesmos sujeitos. A reportagem *Transfobia: Os relatos de violência e militância de Melissa Campus* busca mostrar como as pessoas trans são tratadas pela sociedade e pelos órgãos de segurança pública no caso de denúncias de violência contra elas. O resultado é uma reportagem realizada no decorrer da disciplina de Radiojornalismo, no curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

**PALAVRAS-CHAVE:** transfobia; transexualidade; rádio; reportagem; radiojornalismo.

### **1 INTRODUÇÃO**

Violências contra a população LGBT estão presentes nas diversas esferas de convívio social e constituição de identidades dos indivíduos. Suas ramificações se fazem notar no universo familiar, nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas forças armadas, na justiça, na polícia, em diversas esferas do poder público (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – 2012).

Portanto, a reportagem apresentada busca aprofundar e discutir a violência e o preconceito contra essa população a partir de relatos pessoais de Melissa Campus, uma transexual londrinense que já sofreu inúmeras agressões e segunda ela, suas denúncias nunca receberam a devida atenção, tanto da mídia, quanto da Polícia.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Reportagem em Radiojornalismo (avulso), modalidade Jornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: thais\_ludescher@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: leoggs@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: marciojosej@hotmail.com.

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UEL, email: mkaseker@gmail.com.

A ideia da realização da reportagem *Transfobia: Os relatos de violência e militância de Melissa Campus* foi discutida em sala entre os alunos do segundo ano de Jornalismo noturno, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), na disciplina de Radiojornalismo ministrada pela professora Mônica Panis Kaseker.

A reportagem foi veiculada no projeto laboratorial da turma, uma revista radiofônica semanal chamada *Radioativa*, que discutia diferentes assuntos voltados para o público alvo (jovens de 16 a 30 anos), de forma crítica, buscando sempre levantar discussões e fomentar reflexões sobre os temas.

A reportagem apresentada tem como finalidade colocar em prática conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula, aprofundar o conhecimento e evidenciar na prática as diferenças entre um notícia e uma reportagem radiofônica.

## **2 OBJETIVOS**

A reportagem proposta faz parte da segunda edição da revista radiofônica laboratorial produzida na disciplina de Radiojornalismo, do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da UEL. Portanto, busca exercitar a produção de reportagens radiofônicas, desde a elaboração da pauta até a edição do material. Além de estimular a prática de um jornalismo cidadão e crítico baseado no debate e no diálogo de temas de interesse público. A reportagem busca aprofundar o debate sobre a transfobia.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A prática jornalística e a experiência de vida estimulam e aprofundam, no âmbito universitário, os conhecimentos dos estudantes e evidenciam, já na vida acadêmica, a responsabilidade e importância da ação social do jornalista. Afinal de contas, o jornalismo contribui para a formação da opinião pública.

Essa função da imprensa possibilitaria a criação de sociedades democráticas, pois encoraja a conciliação, o alicerce da democracia (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003). Mas para Rodrigues e Costa (2012) “não basta só obedecer aos princípios do jornalismo, é necessário que esse fórum esteja voltado a toda a comunidade, atingindo todas as classes sociais e não fique restrito a um público seletivo”.

Nesse sentido, é importante discernir questões como objetividade, isenção e a pretensa imparcialidade que caracteriza muitas vezes o jornalismo praticado pela mídia tradicional, da omissão em relação a algumas problemáticas sociais.

É no campo jornalístico que se narram acontecimentos e centralizam-se sentidos a partir de discursos, por isso para Darde (2012):

“O jornalismo, entendido como um espaço discursivo, representa uma importante esfera de produção de sentidos a partir da qual também se pode construir novas visões sobre gênero e sexualidade ancorada no conceito de diversidade sexual. A educação para as diferenças, promovendo a cidadania plena para todos, não é função restrita do Estado, da Igreja, da Escola ou da família. Trata-se de práticas e processos integrados e engajados em todas as esferas. Contudo, devido ao poder tecnológico de abrangência, visibilidade e credibilidade dos meios de comunicação, principalmente as emissores de TV e rádio, entende-se que eles têm uma grande responsabilidade pela educação para a cidadania.” (DARDE, 2012, p. 51).

Cabe ao jornalismo a missão de proporcionar às pessoas informações para que tomem decisões esclarecidas sobre como enfrentar os problemas que afligem a sociedade. Isso porque, dentro dos regimes democráticos a prática jornalística assumiu o conceito de serviço público, cabendo a ela fornecer aos cidadãos as informações necessárias ao exercício da cidadania (TRAQUINA, 2005a).

A escolha do tema transfobia surgiu pela necessidade de se discutir a violência e o preconceito contra essas pessoas. De acordo com os dados da ONG Transgender Europe (2015), a América do Sul tem os maiores índices de violência contra transexuais do mundo. No ano de 2015, 213 transexuais foram assassinados, 113 só no Brasil. Entre 2008 - data do primeiro levantamento do Trans Murder Monitoring (TMM), projeto de monitoramento sistemático de assassinatos de pessoas trans da ONG – e 2015, houve um aumento de 49,6% no número de assassinatos de pessoas transexuais no país. Diante de dados como estes é importante pontuar que muitas pessoas travestis e transexuais morrem invisibilizadas, uma vez que não constam dos boletins de ocorrências policiais e nas estatísticas de mortalidade.

As discussões de gênero, na mídia, são necessárias para que se promova uma educação cidadã e, também, para que o diálogo sobre o tema seja encorajado dentro das escolas e dentro do convívio familiar. Dessa forma, o respeito com as diferentes formas de ser e amar surgiria na base da sociedade.

A fim de promover a reflexão e o debate sobre o tema, ficou definido que o mesmo seria abordado através dos relatos da transexual londrinense Melissa Campus, tendo como

gancho a última agressão que ela havia sofrido em janeiro de 2016, na rodoviária de Londrina, quando voltava de viagem.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Diferente da notícia radiofônica, a reportagem permite o uso da criatividade e aprofundamento da informação, promovendo a discussão e a reflexão. Para Emílio Prado, a reportagem “é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio da perspectiva informativa. Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que, em conjunto, dão uma ideia global de um tema.” (PRADO, 1989, p.85)

Para Besspalhok (2006):

“A reportagem radiofônica é uma das formas de estruturação da informação no rádio. É um dos momentos do veículo em que se pode sair da superfície dos fatos, promover o aprofundamento da informação, a discussão e a reflexão” (BESPALHOK, 2006, p.1).

Para a autora o fato da reportagem não ter uma estrutura rígida possibilita que o repórter use sua criatividade para estruturar a informação.

De acordo com a pesquisa Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira, do Instituto Meta, 80,3% da população ouve ao rádio. Embora a internet e a televisão sejam os meios de comunicação mais utilizados pela população brasileira, o rádio ainda permanece como um importante veículo comunicacional atualmente. A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015 da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República aponta que 63% das pessoas que ouvem rádio buscam informação, e apenas 30% ouvem como forma de passar o tempo livre. “Nesse sentido, o rádio pode ser classificado – ao lado da televisão e da internet – como um meio de comunicação de utilidade híbrida, voltado tanto para o lazer quanto para o conhecimento sobre assuntos importantes do dia a dia das pessoas. (SECRETARIA, 2015, p. 31) Portanto, o estudo e a prática da produção em rádio nas universidades ainda é atual e indispensável, e um dos motivos que esta reportagem tenha sido feita para essa mídia.

O estudo do tema e o levantamento de dados para a elaboração da matéria foram fundamentais para sua realização. A escolha das fontes e o processo de entrevistas, também. Para que entendêssemos o cotidiano dessas pessoas foram feitas entrevistas com a transexual Melissa Campus; com o representante da Polícia Militar, Capitão Eguedis; e com

Mary Neide Damico Figueiró, professora sênior da UEL, psicóloga e especialista em Educação Sexual.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A elaboração da reportagem passou por um processo com cinco etapas. 1) Elaboração da pauta - levando em consideração a escolha de um tema de interesse público e, ainda, o papel do jornalismo e do jornalista em promover diálogos para uma sociedade mais cidadã. 2) Levantamento de dados e estatísticas sobre a violência contra pessoas transexuais. 3) Busca de fontes e entrevistas - a seleção de fontes “chaves” para a reportagem foi essencial. Foram ouvidos os relatos da transexual Melissa sobre a violência sofrida por ela e suas reclamações de omissão por parte da Polícia Militar, assim como o representante da Polícia Militar de Londrina, Capitão Eguedis; e a psicóloga e especialista em Educação Sexual, Mary Neide Figueiró. 4) Produção do texto. 5) Edição do material.

A reportagem *Transfobia: O relato de violência e militância de Melissa Campus* apresenta os relatos de violência dela. Em uma tentativa de assalto em 2005, Melissa foi estuprada com uma arma apontada para a sua cabeça. Em 2012 ela teve sua casa incendiada e, em janeiro de 2016, voltando de viagem, foi agredida e acusada de roubo na rodoviária de Londrina. Melissa reclama do atendimento e do descaso da Polícia em relação às suas denúncias.

Após as entrevistas, a equipe se dividiu para fazer a edição do material e escrever o texto da reportagem. O grupo optou por começar a reportagem com os depoimentos de Melissa e, em contraponto aos dela, um depoimento do Capitão Eguedis. Em seguida, apresentar as outras informações e demais entrevistados.

As trilhas sonoras que compõe a reportagem - *Same Love*, do rapper americano Macklemore; *Society*, do cantor e vocalista da banda Pearl Jam, Eddie Vedder; e *We Exist*, da banda Arcade Fire - foram escolhidas levando em consideração que “o som não só informa se estiver aliado a uma narrativa de uma peça radiofônica reportagem, como também tem a capacidade de levar o ouvinte para dentro da história que o repórter quer contar” (FERRAZ, 2012). Todas as músicas fazem críticas sociais e discutem questões de gênero em suas letras.

O material foi editado no Laboratório de Rádio da UEL com a colaboração do responsável técnico, Bruno Cardial, e a orientação da professora Mônica Panis Kaseker.

A reportagem final tem a duração de 5 minutos e 34 segundos e foi produzida no quarto bimestre de 2015 para a rádio revista laboratorial do segundo ano de Jornalismo da UEL.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Desde o começo, o intuito da escolha do tema foi mostrar ao ouvinte a realidade das pessoas transexuais que são violentadas diariamente numa sociedade heteronormativa. Através das entrevistas, foi possível sentir a aflição, o medo e a frustração dessas pessoas que são privadas de serem como são e violentadas ou até mesmo mortas pela intolerância e pela falta de diálogo para que a transexualidade seja entendida por todos.

Além de mostrar aos alunos uma realidade diferente da que eles estão acostumados, a produção do trabalho permitiu que os mesmos vivenciassem as responsabilidades do jornalismo ético e cidadão e a prática da reportagem radiojornalística.

A reportagem contribuiu para o conhecimento técnico e humano dos estudantes envolvidos. Nesse sentido, o produto final cumpriu com os objetivos iniciais propostos: atender ao interesse público e ao desenvolvimento dos alunos na disciplina de Radiojornalismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZER, Carsten; LaGATA, Carla. **TvT research project (2015) Trans Murder Monitoring, “Transrespect versus Transphobia Worldwide”**. Disponível em: < <http://transrespect.org/en/research/trans-murder-monitoring/>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

BESPALHOK, Flávia Lúcia. **Reportagem Radiofônica: As Possibilidades do Vivo e do Diferido na Construção de um Rádio Informativo Diferenciado**. Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006

DARDE, Vicente William da Silva. **As representações sobre cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no discurso jornalístico da Folha e do Estadão**. 2012. 230. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

FERRAZ, Nivaldo. Possibilidades Criativas da Reportagem Radiofônica. **Novos Olhares**, São Paulo, v.1, n.2, p. 62-73, 2º semestre de 2012.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

PRADO, Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo, 1989.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto; COSTA, Grace Soares. **Bases sociológicas da função social do jornalismo e seus princípios nas democracias**. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012.

SECRETARIA DOS DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**. Disponível em:  
< <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos> > Acesso em: 03 abr. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - porque as notícias são como são**. 2ª. Ed. Florianópolis: Insular, 2005a.